

Fabricação de «élites»

RAUL PILLA

Não me achava eu no Rio, mas perdido no interior do meu Estado, quando foi aqui lançada a campanha pela formação de uma elite em nosso país. Não lhe conheço, pois, senão superficialmente, os fundamentos. Parece-me porém, estranho, que se pretenda formar uma elite, ou, mais portuguesamente, um escol, por encomenda, quase diria sob medida. Ou muito me engano ou o que se vai fazer é criar técnicos em determinadas matérias, é aumentar o número de sabedores e especialistas mas longe estará isto de constituir um escol dirigente.

Por certo, elite pressupõe mais alto nível mental. E' a instrução um dos seus elementos essenciais. Deve saber mais que o comum dos homens quem pretenda dirigí-los. Mas que saber será este? Será conhecimento técnico, especializado, ou, pelo contrário, conhecimento geral, digamos assim, humanísticos, que permita a compreensão dos grandes e fundamentais problemas da coletividade?

Não me parece possa haver dúvidas a respeito. O escol dirigente deve caracterizar-se por uma mentalidade ao mesmo tempo ampla e profunda. E não basta. Não é apenas questão de saber. O grupo mais instruído da sociedade pode ser também o mais pervertido. Uma elite de cínicos e amorais, não seria uma elite: seria um poderoso dissolvente social. O conceito de escol dirigente implica, assim, um elemento de ordem ética. A elite deve ter uma formação moral e exercer uma influência moral. Quando este elemento vem a faltar na minoria dirigente, a sociedade entra em decomposição.

Ora, tal preocupação de ordem moral parece estar ausente nos fautores da idéia. Bem se compreende: trata-se de uma elite diplomada e, se o diploma é presunção de saber, a ninguém atribui superioridade moral.

Mas não é tudo. Ninguém faz elites: elas se fazem. O mais que se pode, é criar-lhes certas condições predisponentes, é oferecer-lhes o ambiente em que possam medrar. O escol dirigente de um país é obra de educação e, sobretudo, de seleção. Resulta de um complexo processo de ordem social. Assim, se o sistema político de um país dispensa a aptidão e consagra a irresponsabilidade, não poderá aí formar-se um escol dirigente. Terá falhado mais ou menos completamente o mecanismo seletivo. Isto explica a progressiva decadência das nossas elites, que com a prolongada ditadura verdadeiramente se extinguíram.